

**A coruja voa de tarde:  
a ontologia comunista do fazer-se da multidão**

*Bruno Cava<sup>1</sup>*

*Revisão: Leonora Corsini*

---

**RESUMO**

Este artigo apresenta brevemente o ciclo de lutas globais marcado por três eixos principais: as revoluções árabes, o movimento europeu do 15-M e o movimento predominantemente norte-americano do Occupy. A seguir, esboça as ferramentas metodológicas e conceituais – o comunismo como ontologia, a luta anticapitalista, o método da tendência e da abstração determinada, a copesquisa militante, o conceito de multidão – para uma compreensão do ciclo segundo o ponto de vista revolucionário comunista. Os principais autores mobilizados são Karl Marx e Antonio Negri.

**PALAVRAS-CHAVE**

1. Filosofia. 2. Comunismo. 3. Marxismo.

---

<sup>1</sup>Blogueiro e militante da rede Universidade Nômade

## Introdução – o ciclo de lutas (2011-12)

Em janeiro de 2011, a TV Al-Jazeera transmitiu uma autêntica revolução – algo que alguns talvez não esperassem mais ver ou viver em vida. Começara um mês antes na Tunísia, disseminada para o Egito, o norte da África inteiro e, em seguida, para dezenas de países de língua árabe. Ditaduras até então tidas por sólidas como rocha desmoronaram em questão de semanas. A Praça Tahrir, em sua condensação espetacular de amor e revolta<sup>2</sup>, foi transmitida ao vivo e em cores, e contagiou militantes pelo mundo todo. O medo mudou de lado. Declarações murchas e expressões receosas imprimiram-se nas faces de representantes do Estado e jornalistas da Europa, dos EUA, do Irã e da China. É difícil apreender exatamente o efeito de propagação, mas a dita “primavera árabe” repercutiu no inverno europeu, a partir dos indignados do movimento do 15 de Maio<sup>3</sup>, e novamente no outono norteamericano, com o *Occupy*<sup>4</sup>. *Ocupar!* tornou-se o emblema de uma luta inequivocamente local e global. Seu principal bordão, *Nós somos os 99%*, resgatou a luta de classe ao noticiário, e impactou irremediavelmente o vocabulário político em voga (ALIM, 2011; GREENBERG, 2011). Vários discordaram do teor divisionista implícito, mas não houve quem negasse a existência da brutal desigualdade – política, econômica, racial, social, cultural, de gênero etc. – entre os 99% e o 1%<sup>5</sup>. *Não nos representam!* repetiam os ativistas, diante de um Estado e mercado impermeáveis às demandas, necessidades e anseios da geração. Milhares de praças e parques em pelo menos dois continentes foram reapropriados por uma multidão, uma gente cuja indignação não podia caber nos canais institucionalizados para fazer política. Não foi uma luta por inclusão social ou reconhecimento de direitos, a fim de meramente reformar o sistema político-econômico. Essas pessoas quiseram e querem outra forma, outro espaço e outro tempo para a política, e decidiram assumir a própria força e construir elas mesmas esse tempo-espaço. “Os movimentos são políticos porque se colocam sobre um terreno não

<sup>2</sup> Para uma crônica diretamente dos calores da praça, consultar Wendell Steavenson, Os dias de Praça Tahrir. Tradução de Bruno Cava do texto original da revista *New Yorker*. Portal Outras Palavras, fev. 2011, disponível em <http://www.outraspalavras.net/2011/03/03/na-praca-tahrir-por-wendell-steavenson/>.

<sup>3</sup> Para uma leitura do movimento do 15-M como revolucionário, ver em Raúl Sánchez, *15M, multitud que se sirve de máscaras para ser una*. Portal Madrilonia.org, jun. 2011, disponível em <http://madrilonia.org/2011/06/15m-multitud-que-se-sirve-de-mascaras-para-ser-una/>.

<sup>4</sup> O *Occupy Wall Street* fez uma retrospectiva das ações e realizações do movimento no ano passado, em: OWS. *2011, a year in revolt*, jan. 2012, disponível em <http://occupywallst.org/article/2011-year-revolt/>.

<sup>5</sup> Discussão filosófica sobre o slogan *Nós somos os 99%* em Jodi Dean, 2012, p. 200-205.

reivindicativo, mas constituinte” (NEGRI, 2012, p. 210). Reapropriaram-se de um “público” inteiramente mistificado pelo interesse do 1%. Tem sido uma luta de reconquista e produção de direitos. O que elas querem é provável que ainda nem tenha nome. Ainda está em constituição o próprio nome comum dessa luta, seus sujeitos e desejos.

Mas a eclosão extraordinária foi apenas a ponta do iceberg. Na base das revoltas em Túnis, Cairo, Reykjavík, Madri, Barcelona, Atenas, Londres, Nova York ou Portland, subsiste um extenso rol de atividades mais laboriosas, uma densa rede de grupos mais movimentos organizados e fóruns, cuja construção paulatina e coletiva quase nunca é inteiramente reconhecida nos momentos de revolta. Esse trabalho de formiguinhas costuma passar despercebido a olhares mais céticos (ou demasiado entusiasmados); em especial, na ótica de uma imprensa conservadora, nervosa para rapidamente reduzir fenômenos de grande impacto e efeitos duradouros à efemeridade, ingenuidade política e insólita existência.

Não dá pra contornar o fato que as revoluções árabes foram disparadas quando o camelô Mohamed Bouazizi ateou fogo sobre si, em protesto a uma ação policial<sup>6</sup>, mas a sua enorme força se apoia sobre um esforço de organização, articulação, animação e adensamento das insatisfações e práticas alternativas, o que o filósofo Antonio Negri chama de “*trabalho da multidão*” (NEGRI, 2006, p. 37-57). Uma rede de resistências e reexistências que perpassa o tecido social é ativada, qualifica-se, conjuga-se, sendo então capaz de gerar uma mobilização concomitantemente política, econômica e cultural, numa palavra: *biopolítica*. A luta biopolítica implica a heterogeneidade de formas de vida que habitam o mundo hoje, “no trabalho e na linguagem, mas também nos corpos, afetos, desejos e na sexualidade – o lugar de emergência de um contrapoder” (ibidem, p. 39-40). Participaram da insurreição no Egito, por exemplo, desde a juventude globalizada e qualificada em novas tecnologias digitais e/ou de rede, passando pela resistência feminista<sup>7</sup>, até o movimento por assim dizer “mais duro” dos sindicatos e ligas camponesas<sup>8</sup>, – além, não se pode esquecer, de forças matizadas pela religião, concentradas na Fraternidade Muçulmana. Na Europa, do mesmo modo, já vinha de

<sup>6</sup> Em opinião diversa à minha, focado na figura do martírio, ver o texto de Diego Viana “Mohamed Bouazizi, o herói de Nietzsche”. *Portal Amalgama*, fev. 2011, disponível em: <http://www.amalgama.blog.br/02/2011/mohamed-bouazizi/>.

<sup>7</sup> Uma luta particularmente longa e difícil. Cf. OTTERMAN, 2011 e também SORG, 2011.

<sup>8</sup> Sobre o papel dos sindicatos e a falsa ideia que a revolução egípcia se fez predominantemente pelas redes sociais e novas mídias, vale o lúcido artigo do analista político Juan Cole. *Cinco mitos sobre a revolução árabe*. (2011) Sobre a luta pela terra como frente relevante da revolução egípcia consultar Raphaël Kempf. *Segundo ato: reforma agrária* (2011).

alguns anos um acúmulo persistido de tumultos, com múltiplas pautas e agendas em curso<sup>9</sup>. As lutas europeias foram agitadas por grupos organizados ao redor da questão dos trabalhadores precarizados, despossuídos e/ou despejados, das periferias, dos jovens e aposentados “sem futuro”, de estudantes bolsistas e imigrantes, na Itália, Grécia, França, Reino Unido, Irlanda. Nos Estados Unidos, igualmente, a gênese das mobilizações remonta ao início da crise capitalista dos *subprimes*, de 2007-08, passando pelas ocupações de Wisconsin<sup>10</sup>, e pelo fortalecimento de um movimento autonomista além da dicotomia partidária que governa o país.

Portanto, o evento de larga escala, tão marcante do ano de 2011, foi construído sobre uma cauda longa de acontecimentos menores, dispersos, no “tempo lento” da organização política. Disso tudo se pode estabelecer a hipótese que fora menos uma explosão espontânea do que o resultado de uma espessura organizacional, prática e teórica. Uma sucessiva construção coletiva e antagonista que ganhou massa crítica e pôde, como expressão de sua potência, acionar grandes contingentes pelas ruas e praças, numa ruidosa recusa às estruturas sociais dominantes, isto é, a sociedade capitalista.

### **O ponto de vista comunista**

O comunismo não voltou à moda como teoria radical à toa (ZABALA, 2012)<sup>11</sup>. Se este ciclo de lutas se apresenta como luta sistêmica e anticapitalista, essa negatividade não deixa de estar assentada sobre uma positividade. As manifestações dizem ‘sim’ a outras formas de vida, relação social e ação política, do que decorre, como consequência, o ‘não’ ao estado das coisas. Quer dizer, se pode reconhecer também uma dimensão construtiva dos/nos movimentos, um trabalho da multidão a par da recusa manifestada diante dos estados, mercados e sistema financeiro mundial. As ações em parte destrutivas dos novos

<sup>9</sup> Para uma síntese do caso espanhol e de como as acampadas do 15M repercutiram essas pautas, consultar o artigo de Negri, *Toni Negri vê a Espanha rebelde*, tradução minha do original publicado pela Universidade Nômade Itália em junho de 2011, disponível em <http://www.outraspalavras.net/2011/06/08/15m-redes-e-assembleias-por-antonio-negri/>

<sup>10</sup> Cf. o texto de Michael Moore *Avante Madison! Força! Estamos com vocês!* Traduzido por Vila Vudu em março de 2011 e disponível em <http://redecastorphoto.blogspot.com.br/2011/03/nao-queremos-ser-os-estados-dos.html>.

<sup>11</sup> Um marco teórico do “renascimento” do comunismo foi a conferência *A Ideia do Comunismo*, organizada pelo Instituto Birkbeck de Humanidades, em março de 2009, com intervenções de Negri, Badiou, Žižek, Hardt, Rancière, entre outros. Os 15 artigos resultantes desse encontro estão compilados em DOUZINAS, Costas; ŽIŽEK, Slavoj (orgs.). *The idea of communism*. Londres: Verso, 2010.

movimentos, de fato, refletem a falta de perspectivas dentro da sociedade capitalista, mas isso significa antes a construção de uma perspectiva alternativa, do que qualquer esboço de violência gratuita ou desvairada. A indignação constitui o “grau zero” de uma mobilização com efetividade<sup>12</sup>. A sua manifestação multitudinária não detém consistência se não estiver embasada, também, em uma realidade alternativa já em estado nascente, como afirmação real. Escrevendo no calor de um dos momentos mais destrutivos das mobilizações de 2011, quando dos levantes e quebraadeiras em Londres (BORGES e BENSUSAN, 2011), Negri e Revel frisam que

Esses não são movimentos caótico-niilistas, não se trata de queimar por queimar, nem se quer decretar a potência destrutiva de um no future inédito. Quarenta anos depois do movimento punk (que diversamente dos estereótipos, foi apaixonadamente produtivo), não há movimentos que decretem o fim de todo futuro; ao contrário, eles querem construí-lo (NEGRI e REVEL, 2012, p.209).

É essa alternativa, organizada pelos ativistas e animada pelo desejo, que motiva a resistência ao modo capitalista e suas formas. É ela quem propicia uma pauta positiva, fabulada coletivamente. Afinal, eles querem outra coisa, outro modo de viver a liberdade. Menos do que um mundo ainda inexistente, trata-se de um mundo que já existe, um mundo consubstancial ao mundo capitalista. É nesse sentido que se pode pensar no comunismo como realidade e não utopia. Em vez de elucubrar planos de sociedade futura – como faziam os socialistas utópicos do século 18 e 19 – o caso é perceber e, sobretudo, produzir a libertação como uma dinâmica interna ao próprio capitalismo. Um processo de libertação tão múltiplo nas expressões quanto concentrado em seu ímpeto de abolição do estado de coisas.

Dessa maneira, pode-se falar num comunismo não como estado ideal, mas sim “o movimento real que supera o atual estado de coisas”, em que “as condições deste movimento resultam da premissa atualmente existente” (MARX e ENGELS, 2002, p.42). Para Marx e Engels, o comunismo rejeita qualquer pretensão utópica. Não está remetido ao futuro, nem pode degenerar em esperas melancólicas, esperando mitológicas “condições maduras” da revolução. O que, na prática, costuma significar marcá-la nas calendas gregas. Sua razão

<sup>12</sup> Em sentido filosófico, vale conferir o artigo *Qu'est-ce que l'indignation?* de Alexander Matheron, publicado na revista *Multitudes* 46, disponível em <http://multitudes.samizdat.net/Qu-est-ce-que-l-indignation>.

motriz se ancora no presente. Da análise situada nas coordenadas de tempo e espaço das lutas, que persiga os traços e sintomas do “movimento real”, se podem extrair as tarefas de organização, mobilização e ação políticas.

Daí que assumir o ponto de vista comunista significa modular a percepção, a fim de enxergar as condições do “movimento real”, que é o próprio comunismo em ato. A resistência ao *status quo* se apoia numa positividade, na efetividade de uma realidade preexistente, uma que já excede o estado de coisas. O comunismo está contido num substrato concreto de práticas de liberdade, que se mobiliza e ameaça, pela própria existência, as formas de controle e exploração existentes. Essa é a visão, por exemplo, de Negri (1991), para quem

o comunismo é uma práxis constituinte (...) nem um produto do desenvolvimento capitalista nem a sua catástrofe (...) [mas sim] uma grande multiplicidade de aspectos, uma grande riqueza e liberdade de movimentos, com autonomia complexa. Cada passo na direção comunista é um momento de extensão e expansão da riqueza total das diferenças (tradução minha, composição de três citações às páginas 163, 165 e 167).

O comunismo se compõe de uma riqueza biopolítica, uma base afetiva de compartilhamento, procriação e multiplicação de experiências, um campo simultaneamente ético, estético e político – todas essas condições comuns de existência social, tudo isso que nos faz seres desejantes e produtivos. Como método, tais expressões do comunismo precisam ser perscrutadas no mundo real, em sua dimensão produtiva, e sem perder de vista para onde se movem, qual a sua dinâmica e tendência no tempo e espaço. O contrário, pensar num comunismo idealizado seria se descolar do presente, e descarnar a prática política com abstrações indeterminadas. No pensamento marxista, o novo mundo brota do velho; o comunismo, do capitalismo. Essa perspectiva exerce uma crítica imanente da sociedade capitalista, postulando uma luta imanente ao atual modo de produção. A distância entre o ainda não e o já está da revolução só pode ser transposta na práxis. Só ela é capaz de constantemente atualizar a teoria e ação revolucionárias.

Por isso, nas condições contemporâneas, o critério comunista não se fundamenta numa primazia, metodológica ou epistemológica, conferida à matéria, às coisas ou ao real –

como faria supor algum cientificismo do século 19 – mas à prática, à ação coletiva como premissa e critério das verdades. O materialismo comunista é uma teoria da ação. O excesso que o comunismo faz jorrar em relação ao poder constituído não conduz automaticamente à libertação. As contradições não realizam as lutas por si mesmas. Esse excesso precisa traduzir-se, e já o faz, no bojo criativo das lutas e movimentos, como imaginação. Uma imaginação animada pelo desejo de viver esse movimento real e desenvolvê-lo, de concretizar formas políticas e estéticas, e tempos-espacos além do *status quo* capitalista<sup>13</sup>.

Daí que se pode pensar, do ponto de vista comunista, o ciclo de lutas de Tahrir ao 15-M ao Occupy, como uma imaginação real em marcha, que – longe de se isolar do real para planejar a sociedade futura – materializa uma base comum além das formas e modos capitalistas. O “tempo da liberdade comum” como afirma Negri (2006, p. 199-214), se impregna de relações sociais produtivas, de compartilhamento, cooperação e imaginação, algo que Praça Tahrir, a acampada de Puerta del Sol ou a ocupação de Zucotti Park, numa escala ultraconcentrada, puderam materializar em 2011.

Mas o que, na prática, significa estar além do capitalismo?

### **A luta anticapitalista**

Diante do comunismo, o capitalismo vem sempre depois. Com acerto, isso vale cronologicamente, no sentido que o capital incorporou formas pré-modernas de produção, tais como, por exemplo, a propriedade comunal da terra. Porém, o mais importante é que vale *ontologicamente*. “É dentro das dimensões ontológicas do trabalho que encontramos a razão da evolução histórica. Não haveria lutas eficazes se elas não fossem engastadas por, ligadas a, produzidas com esta profunda transformação do trabalho” (NEGRI, 2003, p. 224). O capitalismo só pode subsistir montado sobre a experiência produtiva do comunismo. O capitalismo não aboliu o substrato real da produção comunista. Na verdade, passou a estruturar e explorar-lhe a produtividade. Essa coexistência entre comunismo e capitalismo pode ser entendida através de um par conceitual central do marxismo, entre *capital* e *trabalho vivo*. O trabalho é atividade viva, exprime um poder imediato de diferenciação; é processo de

<sup>13</sup> Criar novos tempos-espacos ou “cronótopos” é o rendimento que Francisco Sierra (2012) aponta nas acampadas espanholas do movimento do 15-M.

mudança e afetação do real; e ele tem uma existência puramente subjetiva<sup>14</sup>. “O trabalho não como objeto, mas como atividade, não como *valor* ele mesmo, mas como a *fonte viva* do valor” (MARX, 2011, p. 230). O trabalho tem uma dimensão ontológica: é o que pode moldar e remoldar as coisas e as pessoas, o que as faz ser, ser outra coisa, deixar de ser. Uma operosidade real com impacto direto na constituição do mundo. Ele é “fogo plasmador” e “força criativa” (termos de Marx). Porque o capital, isoladamente, não cria nem transforma nada. Seu processo somente pode ser ativado quando se apropria do trabalho, e deixa se animar por suas potências. O trabalho consiste no seu pressuposto, seu alfa e ômega. Incorporando o trabalho, “o capital entra em fermentação e devém processo” (MARX, 2011, p. 234). Na verdade, o capital pode operar alicerçado sobre as forças produtivas do trabalho vivo.

Em síntese, o poder constituído é capitalista não só porque domina e oprime (o que o regime feudal ou antigo escravocrata também faziam), mas porque necessita que as pessoas produzam valor para continuar funcionando. Precisa, noutras palavras, explorar o trabalho vivo, governando o excedente biopolítico, que cada um e todos juntos produzem (e *se* produzem) além das necessidades. Nesse sentido, pautas de *inclusão social* não podem ser anticapitalistas, uma vez que são funcionais à assimilação na sociedade capitalista. Atualmente, o *social* como um todo se encontra organizado pelo processo capitalista de exploração. É o fenômeno que Marx (2004) batiza de *subsunção real* da sociedade pelo capital. Em sua evolução histórica, o modo capitalista se interiorizou na própria constituição do tecido social, e a partir de dentro passou a estruturar as relações e o funcionamento das instituições, sejam elas públicas ou privadas. Isto significa que o estado e o mercado estão conjugados organicamente, atravessando sem distinção real a sociedade como um todo. Ambos os polos, estado e mercado, participam da produção e reprodução do capital, e contribuem cada um a seu modo na subordinação e exploração do trabalho. Traçar o espectro ideológico como uma divisão entre apólogos do mercado *versus* os do estado perde de vista a integração entre ambos, no dinamismo do processo produtivo capitalista<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> A este respeito ver o texto de minha autoria *O valor em tempos de megamáquinas*, publicado no blogue Quadrado dos loucos em out. 2012. Disponível em <http://www.quadradosloucos.com.br/3237/o-valor-em-tempos-de-megamaquinas/>.

<sup>15</sup> Em *Commonwealth* (2009), Negri e Hardt elaboram detalhadamente uma *segunda via* à escolha enviesada entre o público/estado e o privado/mercado: a produção do comum. Para mais a respeito, vale consultar de Alexandre Mendes, *A atualidade do comunismo. A produção do comum no pensamento político de Toni*

Daí que a luta capitalista, sob a pena de rápida reassimilação, não pode recair nas armadilhas do público e do privado, não pode se render ao falso problema, “optar” por opor-se às forças do mercado, dizendo vivas ao estado. Ou, em erro simétrico, atacar retoricamente o estado, abrindo caminho para privatizações – como se o público não dependesse do privado e vice-versa. Outra dicotomia insuficiente se dá entre o estado e a *sociedade civil*, o que igualmente contorna o liame orgânico entre um e outro. A sociedade civil como lugar reconhecido para realizar estudos, elaborar demandas e reivindicá-las diante do estado. O movimento comunista, além dessas armadilhas dialéticas, constitui, ele próprio as condições materiais de superação do capitalismo, sem a mediação estatal/mercantil – mediação que é mais um obstáculo, do que potenciador. É por isso que o slogan *Nós somos os 99%* não opõe aos poderes constituídos a ‘sociedade civil organizada’, mas uma anomalia selvagem, um suplemento de imaginação e antagonismo, princípio divisional ou fator disruptivo que não tem como ser incluído ou reconhecido pelos estados sem desestabilizar a sua estrutura e funcionamento, sem pôr em risco o fundamento da ordem capitalista, a desigualdade e a dominação de classe (DEAN, 2012, p. 200-205). Não admiram os representantes dessa ordem rapidamente classificarem os novos movimentos como incompreensíveis, confusos, irracionais, – quando não simplesmente criminosos e terroristas. Precisamente, porque a indignação dos novos movimentos não caber na razão do capital, não pode ser assimilada como termo facilmente subordinado à lógica vigente.

Capital e trabalho se colocam em relação e só existem nela. A reprodução do capital, essencialmente, consiste na reprodução de relações sociais determinadas pela separação entre capital e trabalho, pela submissão da produtividade vida às formas e modos de controle. Tem-se uma relação assimétrica. O capital se deita sobre a produtividade biopolítica do trabalho e sobrevive dela, enquanto este é essencialmente autônomo – e pode existir sem o capital. Nesse sentido, o capital tem um grau de potência inferior, já que não pode deixar as capacidades sociais e diferenças produtivas do trabalho vivo se expandir inteiramente.

O capital separa o trabalho de tudo o que ele pode. Se o deixasse agir livremente, o trabalho vivo terminaria por afirmar *in extremis* as qualidades de autonomia, cooperação e

---

*Negri*, artigo publicado na Revista Direito & Práxis (vol. 4 n. 1, 2012) e disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/viewArticle/3547>; ver também, de minha autoria, *O comum: não mais à esquerda, mais a oeste*, blogue Quadrado dos loucos, mar. 2012, disponível em <http://www.quadradosloucos.com.br/2779/o-comum-nao-mais-a-esquerda-mais-a-oeste/>.

imaginação real, que levariam as pessoas a depor, em definitivo, o capitalismo. Por isso, essas qualidades coletivas produtivas são políticas e, em última instância, antagonistas – não sendo errado defini-las como “*dentro e contra*” a relação de força do capital. Não admira Negri (2011), ao participar das acampadas da Espanha, no auge do movimento, tenha identificado “grupos do trabalho imaterial crescidos na crise, *dentro e contra*”<sup>16</sup> A ousadia anticapitalista só faz sentido quando solidamente articulada na rede de antagonismos reais e alternativas constituintes, latentes ou manifestas, – de toda sorte *já existentes* por dentro da sociedade capitalista.

Nesse sentido, os novos movimentos precisam colocar-se em guarda diante da possibilidade de instituir mediações (como formas de propriedade, representação ou identidade). Essas instâncias conduzem à redução da potência constituinte, recaindo em zonas de interseção com a forma capitalista e a democracia representativa que a sustenta, terminando por ser assimiladas, ou reforçar o modo de dominação vigente. Comentando o movimento Occupy, Negri e Hardt explicam:

Enfrentando a crise (financeira do capitalismo) e vendo claramente a forma como ela está sendo gerenciada pelo sistema político atual, os jovens que participam dos vários acampamentos fazem, e com inesperada maturidade, a desafiadora pergunta: “Se a democracia – ou seja, a democracia que temos hoje – está atônita sob os golpes da crise econômica e é impotente para fazer valer a vontade e os interesses da multidão, não seria a hora, talvez, de considerar que esta forma de democracia seja obsoleta? (NEGRI e HARDT, 2011).

## **O método da tendência e a copesquisa**

Negri formula um método para abarcar a tripla dimensão da tarefa comunista: 1) luta dentro, contra e além do capitalismo; 2) positividade da construção de alternativas biopolíticas; e 3) libertação das forças produtivas do trabalho vivo, isto é, a dimensão produtiva indissociável da política. É o método da tendência antagonista, também chamado “comunismo na metodologia”: “não só o que permite uma construção passiva de categorias

<sup>16</sup> O programa “dentro e contra” proposto pelo filósofo, rejeitando utopismos sem bases materiais, é uma constante de seu trabalho, que também parte da hipótese da subsunção real da totalidade social no capitalismo. Por exemplo: “Assim descobrimos novamente que são as lutas, *dentro e contra* o comando capitalista, que fazem a história (...)” (NEGRI, 2003, p. 25).

na base da soma de conquistas históricas; é acima de tudo o que permite uma leitura do presente à luz do futuro” (NEGRI, 1991, p. 49). Repudiando profecias catastróficas ou previsões objetivistas do futuro, bem como qualquer ideologia do progresso humano, trata-se aqui de antever no presente os elementos que estejam constituindo o futuro. É examinar, no seio do processo produtivo, enquanto fonte viva dos valores, e na própria experiência da exploração e subordinação que o capital provoca, o conjunto de tendências de antagonismo e práxis constituinte. Esses vetores de libertação precisam ser contidos, controlados e canalizados, segundo os fins e a lógica capitalista. Isto significa que a análise do funcionamento do capitalismo não se restringe à objetividade das categorias e estruturas, uma mera sociologia do capital, quase em contemplação estética. Deve, sobretudo, concentrar-se nas potencialidades e oportunidades, muitas vezes fugidias, espontâneas, mais ou menos conscientes, de reinvenção e revolta ante as formas capitalistas. O que implica descer ao nível dos lugares e tempos em que o trabalho vivo acontece, para pesquisar elementos de autonomia que possam ser organizados, entretidos e propagados.

Esta pesquisa de tipo novo, batizada pelos marxistas operaístas de *copesquisa*<sup>17</sup>, não se separa da prática militante, conjugando abrangência de análise e atuação concreta junto aos movimentos. Isto é, o pesquisador não se distingue do ativista, assumindo imediatamente um ponto de vista em formulação coletiva, a partir do que procede ao método construtivo materialista. A investigação rejeita divisões entre sujeitos e objetos, entre disciplinas e fronteiras epistêmicas, e trata o próprio campo de ação como espaço e tempo para a produção de novos sujeitos e movimentos reais. Está diametralmente oposta à sociologia empírica, visto que o próprio “empírico” está atravessado por sujeitos, tensões internas, antagonismos e constante metamorfose. “A hipótese da *copesquisa* está na possibilidade de derrubar a separação entre esfera política e científica: a produção do saber é imediatamente produção de subjetividade e construção de organização” (ROGGERO, 2009, p. 114). Tem-se assim um método militante, interventivo, parcial e não hierárquico.

Não confundir, todavia, a *copesquisa* como uma pedagogia voltada a conscientizar o sujeito da exploração e opressão de sua luta. O que seria um vanguardismo de cima a baixo, como se a verdade da práxis viesse de fora dela mesma. A *copesquisa* não se propõe a

<sup>17</sup> Tradução da palavra italiana *conricerca*. Cf. a respeito da *copesquisa*: ALQUATI, 1994; NEGRI, 2003, p. 223-272; MALO, 2004; ROGGERO, 2009, p. 112-117; CAVA, 2012 e MENDES, 2012.

esclarecer, de cima para baixo, os sujeitos sociais nos lugares de produção (ibidem, p. 116-117). Em verdade, a própria “consciência política” é entendida como uma construção de baixo para cima, uma sucessiva autoprodução de luta, a partir da rede dispersa e mais ou menos espontânea, que já formula elementos de autonomia e modos comunistas de organização e relacionamento produtivo. Se a copesquisa pode avançar hipóteses, – engendradas no exercício da tendência antagonista, – essa colocação em marcha do método depende da capacidade de o conhecimento, – sempre inacabado e aberto, – poder circular, ser emendado, recortado, refeito, recriado, numa sucessiva reconstrução coletiva. Daí que, em vez de entender a copesquisa como uma tarefa a fazer-se, ela *já está*. Os movimentos produzem sua pesquisa imanente, no fluxo de informações e compartilhamento de experiências. É processo em curso a ser compreendido e desenvolvido de sua virtualidade, como produção de saber vivo, imediatamente derivada do trabalho vivo.

A resistência anticapitalista exprime uma tendência subjetiva, uma potência criativa e desbordante. Os novos movimentos exprimem essa tendência ao responderem criativamente à crise. Seu elemento comum está na recusa em pagar os custos da crise que eles mesmos não produziram, como rejeição do modo de regulação baseado nas finanças, de governos dominados pelos interesses do 1%, e da irremediável obsolescência dos espaços representativos. A tendência não deixa de ser a própria constituição do ponto de vista comunista, enquanto formulado coletivamente nos lugares da luta e trabalho vivo. Daí um ponto de vista que propicia a ativação dos sujeitos, uma perspectiva ao mesmo tempo teórica e prática. “A tendência é o processo prático/teórico em que o ponto de vista dos produtores se torna explícito em uma época histórica determinada, e representa a aventura da razão ao encontro das complexidades do real” (NEGRI, 2005, p. 27). A distância entre o *ainda não* e o *já é* da transição comunista é tão menor quanto maior o alastramento e o aprofundamento dessa subjetividade. Copesquisar os novos movimentos a partir da tendência antagonista, portanto, implica tanto perceber as mutações subjetivas, no interior do processo político/produtivo de resistência, quanto organizá-las. Quer dizer, fomentar uma organização política inteiramente suportada pelos vetores subversivos imanentes ao processo. É uma política afirmativa de um novo mundo brotando do antigo, no claro-escuro em que habitam figuras ainda desconhecidas, em parte ameaçadoras, inclassificáveis. “[O método] identifica tendências e transformações que aparentam ser menores ou triviais, mas, que na verdade,

representam alterações fundamentais de como a ordem social funciona, alterações que vão se espalhar e reconfigurar a ordem como um todo” (MURPHY, 2012, p. 75). É um presente vivo que já está mordendo o futuro.

Essa investigação, por um lado, como mencionado, está associada à multiplicidade de focos de tensão, inquietude, recusa e reinvenção. Por outro lado, sem embargo, à tentativa de apreender o sentido geral do movimento que essa multiplicidade exprime. Esta tarefa não deixa de ter um caráter abstrato, na medida em que pesquisa um “comum” de lutas, micropoderes antagonistas e novas subjetividades. O abstrato não é prerrogativa exclusiva do capital. É verdade que o capitalismo procede por abstrações sucessivas. Abstrai da figura mais concreta da posse a propriedade; do conjunto de relações sociais, o indivíduo atomizado e sujeito de direitos, “livre e igual”; e das coisas em geral abstrai o valor. Cada forma capitalista aplicada à concretude das relações vai erigindo um plano abstrato. O que culmina na abstração geral de um capitalismo globalizado e integrado, a nossa situação hoje. Evidentemente, a mediação máxima decorrente desse processo é o dinheiro, medida universal que comensura bens de consumo e renda, capital e trabalho, as coisas e as pessoas. Isto não quer dizer que o abstrato seja menos real ou complexo do que o plano concreto, como se aquele fosse um duplo esmaecido. A propriedade é mais abstrata do que a posse, mas nem por isso causa menos efeitos reais, como princípio de organização da sociedade capitalista. Na realidade, o capitalismo é a organização social mais complexa e sofisticada que já existiu, *graças à abstração* e não apesar dela. Ao se vestir de propriedade, a coisa pode ser atribuída juridicamente a sujeitos, pode ser-lhe atribuído um valor, pode ser titularizada como crédito; operações que propiciam um funcionamento e circulação dentro de processos mais amplos e fluidos. Se a propriedade explica a posse como seu antecedente lógico, a posse não explica a propriedade. Nada na posse indica a propriedade, uma construção contingente do modo capitalista. É que uma vez abstraído de seu referente original, o termo abstrato adere ao processo produtivo como um todo, e pode assim explicar o que foi subsumido para que o processo pudesse ocorrer. Daí que o mais abstrato paradoxalmente explique o concreto, e não o inverso. “Portanto, as abstrações mais gerais surgem unicamente com o desenvolvimento concreto mais rico” (MARX, 2011, p. 57) e, metaforicamente, “A anatomia do ser humano é a chave para a anatomia do macaco” (CAVA, 2012).

A abstração diz-se contra intuitivamente *real*, uma vez que o capital não existe somente na cabeça dos capitalistas e explorados. É uma dinâmica real atravessada pelo poder, que exerce dominação de fato, e distribui a escassez e miséria a bilhões de pessoas. Disso tudo decorre como a luta global não passa tanto por um retorno nostálgico ao concreto e ao valor de uso, como depositários de um humanismo perdido diante da abstração implacável. O trabalho abstrato também é signo da luta de classe. O caso está em reapropriar-se do abstrato, do próprio poder líquido de abstração, o dinheiro, quiçá as finanças, dobrando-os a serviço do comunismo.

### **Da abstração à multidão**

O que importa destacar é que a abstração também pode ser usada sob a espécie da resistência. Tem-se, com isso, o que Negri, a partir de Marx, chama de “abstração determinada” (NEGRI, 1991, p. 58). Em termos de copesquisa, é o que Roggero (2011) chama de “eixo horizontal, se tentou produzir cartografias das dinâmicas de mobilidade e resistência difusa, ou melhor, as estratégias de autovalorização”. A ferramenta da abstração é indispensável para a compreensão global dos movimentos, pode apontar-lhe tendências difusas e subjetividades em grande escala, que se propagam molecularmente a grandes velocidades. Isso pode explicar, por exemplo, como realidades socioeconômicas tão distintas quanto a dos países árabes e dos europeus podem produzir efeitos de contágio tão impactantes. O que, afinal, confere bases materiais para se falar numa luta global, capaz de interceder entre si a enormes distâncias?

No contexto de capitalismo integrado e globalizado, a abstração se torna mais central para alavancar os múltiplos focos de antagonismo numa escala maior, numa mesma zona difusa de contrapoder ao capital. É a condição da luta de classe num contexto de tão diversas e dispersas frentes de afirmação e resistência, que se espriam por territórios muito diferentes. A condição para que essa abstração não falhe no critério materialista está em ser *determinada*. Paolo Vinci (2008) explica o termo:

[a abstração] deve ser determinada, constituída através de elementos diferenciadores, que qualificam a concretude e a especificidade de uma conjuntura histórica. (...) Essa abstração não é só instrumento que adere ao real para colher-lhe os antagonismos e as contradições, como também meio de invenção de nova realidade (p. 53).

A abstração é determinada quando acompanha a complexa rede de movimentos e lutas. Ou seja, quando se constrói por meio de uma compreensão que permita formular uma subjetividade global e globalizante, sem, entretanto, desrespeitar as especificidades e concretudes das dinâmicas situadas.

É a diferença entre os conceitos de *massa* e *multidão*. Se a massa resulta da homogeneização das diferenças, segundo uma totalidade “coletivizada” e um princípio transcendente que sobredetermina os demais, digamos, a luta de classe reduzida ao âmbito economicista, ou a “autonomia do político”, ou o fetiche do estado, da nação, da humanidade; a multidão, por sua vez, opera como “rede aberta e em expansão na qual todas as diferenças podem ser expressas livre e igualitariamente, uma rede que proporciona os meios da convergência para que possamos trabalhar e viver em comum” (NEGRI e HARDT, 2005, p. 12). Na gênese da multidão, as diferenças não podem ser achatadas, pois é nelas que antagonismo se determina das condições reais de luta e produção de subjetividade. Dentro do método da abstração determinada, não se pode nivelar as diferenças segundo uma métrica homogênea (esse por sinal é o papel do mercado capitalista). Não se pode subordinar a riqueza das formas de vida segundo uma abstração unitária, que seria “mais importante”, do que as lutas concretas na base da própria manobra de abstração. Pelo contrário, é nas diferenças que a abstração *se determina* dos antagonismos reais. A força está na diferença, não na igualdade. Baseadas na diferença, as lutas podem multiplicar seu poder de ação, e fermentar as qualidades e potências do trabalho vivo. A copesquisa e cocriação da subjetividade revolucionária se dão na multiplicidade formada pelo “comum” das diferenças, – jamais reduzidas a uma totalidade, a uma massa cinzenta e amorfa. Esse processo não isola cada luta em seu próprio lugar, porque juntas, como lutas paralelas, terminam por engendrar uma força e um sentido mais fortes, um preenchimento recíproco<sup>18</sup>. A multidão é polimorfa e recheada de diferenças irreduzíveis, – assim como o comunismo, enquanto ontologia constituinte, existe como uma multiplenitude.

### Considerações finais

<sup>18</sup> É o que Negri e Hardt chamam de “paralelismo revolucionário” das lutas (NEGRI e HARDT, 2009. p. 325-344).

Não se pretendeu induzir o leitor a acreditar que o presente ciclo de lutas deva ser enquadrado, ou possa ser sintetizado como uma luta comunista. Nem todas as revoltas, insurreições e transformações sociais, com efeito, podem ser explicadas pelo comunismo. No entanto, nada impede que essas revoltas e revoluções, bem como este ciclo de lutas, seja enfrentado *da perspectiva comunista*. Isto não se resume a uma operação axiomática, que postula luta de classe como dogma. Mas a lançar uma hipótese prática, que a copesquisa da multidão pela multidão, já em curso, tem condições de testar, aprimorar e se apoderar dos resultados, visando à potenciação dos movimentos. É certo, todavia, que a ontologia constituinte de Marx a Negri está calcada numa consistente experiência histórica e política, no âmbito da qual se construíram conceitos, problemas e esquematizações. O marxismo ainda é uma das poucas éticas que confessa a própria precariedade, historicidade e, rara ciência!, o desejo de autoabolição, que compartilha com a classe proletária.

Se os novos movimentos ensinam algo, com todos os paradoxos e perplexidades que os ombreiam, de Túnis a Barcelona, de Houston ao Rio de Janeiro, é que a luta não espera a coruja voltar do voo para seguir a marcha. O pássaro precisa voar antes do escurecer, ofuscado, atordoado, no entanto feliz. Ele sabe que, em matéria de revolução, a sabedoria não virá jamais.

## REFERÊNCIAS

ALIM, H. Samy. *A palavra do ano é Occupy*. Trad. Coletivo Vila Vudu (original do jornal The New York Times), dez. 2011. (<http://occupywallst.org/article/2011-year-revolt/>)

ALQUATI, Romano. *Camminando per realizzare un sogno comune*. Bologna: Velleità Alt., 1994;

BORGES, Fabiane; BENSUSAN, Hilan. *Pensando sobre as riots*. In Esquizotrans (blogue pessoal). (<http://esquizotrans.wordpress.com/2011/08/14/pensando-sobre-os-riots-london-082011/>)

CAVA, Bruno *A copesquisa no operaismo autonomista*. In Site da Universidade Nômade, ago. 2012. (<http://uninomade.net/tenda/a-copesquisa-no-operaismo-autonomista/>)

\_\_\_\_\_. *O valor em tempos de megamáquinas*. Quadrado dos loucos (blogue pessoal), out. 2012. (<http://www.quadradosloucos.com.br/3237/o-valor-em-tempos-de-megamaquinas/>)

\_\_\_\_\_. *O comum: não mais à esquerda, mais a oeste*. Quadrado dos loucos (blogue pessoal),

mar. 2012. (<http://www.quadradosloucos.com.br/2779/o-comum-nao-mais-a-esquerda-mais-a-oeste/>)

COCCO, Giuseppe. *Trabalho e cidadania. Produção e direitos na crise do capitalismo global*. 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

COLE, Juan. *Cinco mitos sobre a revolução árabe*. Trad. Bruno Cava (original no blogue do autor *Informed Comment*). In Portal Outras Palavras, fev. 2011. Disponível em: <http://www.outraspalavras.net/2011/02/20/cinco-mitos-sobre-a-revolucao-arabe/>.

CURCIO, Anna (org.). *Comune, comunità, comunismo*. Teorie e pratiche dentro e oltre la crisi. Verona: ombre corte, 2011.

DEAN, Jodi. *The communist horizon*. NY: 2012, Verso.

DEL RE, Alisa e outros (orgs.). *Lessico Marxiano*. Roma: 2008, manifestolibri.

DOUZINAS, Costas; ZIZEK, Slavoj (orgs.). *The idea of communism*. Londres: Verso, 2010.

GREENBERG, Michael. *Esperança e realidade no Occupy Wall Street*. Trad. Paulo Cezar de Mello (original do NY Review of Books). In Portal Outras Palavras, dez. 2011. Disponível em: <http://www.outraspalavras.net/2011/12/02/esperanca-e-realidade-no-occupy-wall-street/>.

KEMPF, Raphaël. *Segundo ato: reforma agrária*. Trad. Antonio Martins. Le Monde Diplomatique, mar. 2011, disponível em: <http://www.outraspalavras.net/2011/03/03/segundo-ato-reforma-agraria/>.

MALO, Marta (org.). *Nociones comunes. Experiências y ensaios entre investigación y militância*. Madri: Traficantes de sueños, 2004.

MARX, Karl *Grundrisse. Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política*. Trad. Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

\_\_\_\_\_. *Capítulo VI inédito de O Capital*. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2004.

\_\_\_\_\_. *Grundrisse. Manuscritos econômicos de 1857-1858. Esboços da crítica da economia política*. Trad. Mario Duayer e Nélio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2011.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Trad. Silvio Donizate Chargas. São Paulo: Centauro, 2002.

MATHERON, Alexander. Qu'est-ce que l'indignation? *Revue Multitudes* 46, out. 2011. Disponível em: <http://multitudes.samizdat.net/Qu-est-ce-que-l-indignation>.

MENDES, Alexandre A atualidade do comunismo. A produção do comum no pensamento político de Toni Negri. *Revista Direito & Práxis* v. 4 n. 1, Rio de Janeiro, UERJ, 2012. Disponível em: <http://www.e->

[publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/viewArticle/3547](http://publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/viewArticle/3547).

\_\_\_\_\_. A copesquisa nas lutas da cidade. *Site da Universidade Nômade*, ago. 2012. Disponível em: <http://uninomade.net/tenda/a-copesquisa-nas-lutas-da-cidade/>.

MOORE, Michael. *Avante Madison! Força! Estamos com vocês!* Trad. Vila Vudu, mar. 2011. Disponível em: <http://redecastorphoto.blogspot.com.br/2011/03/nao-queremos-ser-os-estados-dos.html>.

MURPHY, T. S. *Antonio Negri. Modernity and the Multitude*. Cambridge: 2012, Polity.

MURPHY, T.S.; BOVE, Arianna (orgs.). *Books for burning: between civil war and democracy in 1970s Italy*. Nova York: Verso, 2005.

NEGRI, Antonio . *Marx beyond Marx*. Trad. Harry Cleaver. Nova York: Autonomedia, 1991.

\_\_\_\_\_. *Cinco lições sobre o Império*. Trad. Alba Olmi. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

\_\_\_\_\_. *Il comune in rivolta. Sul potere costituente delle lotte*. Verona: ombre corte, 2012.

\_\_\_\_\_. *La fábrica de porcelana. Una nueva grámatica de la politica*. Trad. Susana Lauro. Madrid: Paidós, 2006.

\_\_\_\_\_. *Toni Negri vê a Espanha rebelde*. Trad. Bruno Cava. Original publicado no site da Universidade Nômade Itália, jun. 2011. Disponível em: <http://www.outraspalavras.net/2011/06/08/15m-redes-e-assembleias-por-antonio-negri/>.

\_\_\_\_\_. Crisis of the Planner State. In: MURPHY, T.S.; BOVE, Arianna (orgs.). *Books for burning: between civil war and democracy in 1970s Italy*. NY: Verso, 2005.

NEGRI, Antonio; HARDT, Michael *Commonwealth*. Cambridge: Harvard Press, 2009.

\_\_\_\_\_. *A luta por democracia real no coração de Wall Street*. Trad. Coletivo Vila Vudu, out. 2011. Disponível em: <http://redecastorphoto.blogspot.com.br/2011/10/luta-por-democracia-real-no-coracao-de.html>.

\_\_\_\_\_. *Multidão. Guerra e democracia na era do império*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

NEGRI, Antonio; REVEL, Judith. *Il comune in rivolta. Sul potere costituente delle lotte*. Verona: ombre corte, 2012.

OCCUPY WALL STREET (texto coletivo). *2011, a year in revolt*, jan. 2012. Disponível em: <http://occupywallst.org/article/2011-year-revolt/>.

OTTERMAN, Sharon. Women Fight to Maintain Their Role in the Building of a New Egypt. *The New York Times*, mar. 2011. Disponível em:

[http://www.nytimes.com/2011/03/06/world/middleeast/06cairo.html?\\_r=2&pagewanted=all&](http://www.nytimes.com/2011/03/06/world/middleeast/06cairo.html?_r=2&pagewanted=all&)

ROGGERO, Gigi. Liberdade Operaísta. Trad. Pedro Mendes. *Revista Lugar Comum* n. 30, p. 15-16. Rede Universidade Nômada, 2011.

\_\_\_\_\_. *La produzione del sapere vivo. Crisi dell'a università e trasformazione Del lavoro tra le due sponde dell'Atlantico*. Verona: ombre corte, 2009.

SÁNCHEZ, Raul. 15M, multitud que se sirve de máscaras para ser una. *Portal Madrilonia.org*, jun. 2011. Disponível em: <http://madrilonia.org/2011/06/15m-multitud-que-se-sirve-de-mascaras-para-ser-una/>.

SIERRA, Francisco. Palestra no Colóquio *15M, Occupy Wall Street, Ocupa Brasil*. Rio de Janeiro, 3 de maio de 2012. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Dt70XXXiv10>.

SORG, Letícia. As mulheres da Praça Tahrir. *Revista Época*, mar. 2011. Disponível em: <http://colunas.revistaepoca.globo.com/mulher7por7/2011/03/07/as-mulheres-da-praca-tahrir/>.

STEAVENSON, Wendell. Os dias de Praça Tahrir. *Portal Outras Palavras*, fev. 2011. Disponível em: <http://www.outraspalavras.net/2011/03/03/na-praca-tahrir-por-wendell-steavenson/>.

VIANA, Diego. Mohamed Bouazizi, o herói de Nietzsche. *Portal Amálgama*, fev. 2011. Disponível em: <http://www.amalgama.blog.br/02/2011/mohamed-bouazizi/>.

VINCI, Paolo. *Astrazione determinata*. In: DEL RE, Alisa et al. (orgs.). *Lessico Marxiano*. Roma: Manifestolibri, 2008.

ZABALA, Santiago. O retorno dos filósofos comunistas. Trad. Antonio Martins. *Portal Outras Palavras*, jul. 2012. Disponível em: <http://www.outraspalavras.net/2012/07/30/o-retorno-dos-filosofos-comunistas/>.